

A VIAGEM FANTÁSTICA DE REI SEBASTIÃO: De Alcácer Quibir ao Terreiro de Mina.

Taissa Tavernard de Lucaⁱ

Ψ Introdução

É necessário que se desconstrua a visão que algumas pessoas possuem sobre as religiões afro-brasileiras como uma forma de culto homogêneo. Falar em matriz africana é falar numa diversidade de nomenclaturas. Terreiros de Candombléⁱⁱ, Minaⁱⁱⁱ, Umbanda^{iv}, Xangô^v, Jurema^{vi} povoam os centros urbanos brasileiros apresentando, ritmos, danças, deuses diferentes.

A religião de que vou abordar neste trabalho é especificamente a Mina; a mais antiga e tradicional praticada na Amazônia. Tipo de culto de matriz africana que, vindo do antigo Daomé (atual Benim), se estabeleceu no Maranhão e de lá migrou para o Pará no período da economia gomífera.

O que mais interessa mencionar nos limites deste artigo, sobre essa religião é que seu panteão é formado por diversas categorias de entidades (Voduns^{vii}, Caboclos^{viii}...) dentre as quais destaco os Nobres Gentis Nagôs ou Senhores de Toalha.

Recebe o nome de Gentis, ou Senhores de Toalha, os donos do poder, representados pela nobreza européia, principalmente de países cristãos católicos, que de alguma forma possuem relação com o processo de expansão marítima e com a colonização do Brasil. Personagens hierarquicamente importantes, muitas vezes referidos como “os brancos”.

Entre eles destaca-se REI SEBASTIÃO, D. JOSÉ, D. MANUEL, D. LUÍS, D. JOÃO, MARQUÊS DE POMBAL e outros, pessoas reais que cruzaram os limites da vida e passaram a ser adorados. Perceber todas essas peculiaridades me encheu de questionamentos e me levou a refletir. O que leva um indivíduo, historicamente explorado, adorar seu civilizador? Será que a imagem construída sobre o Deus possui alguma correspondência com os personagens histórico? Por que divinizar um ser humano? O Elemento poder é fundamental para a construção do mito?

Infelizmente não poderei responder a todas essas inquietações no espaço desta, tão breve apresentação, mas tenho hipóteses. A principal delas é que a prática, de adorar líderes, já era realizada na África tendo havido um rearranjo. Orixás^{ix} iorubanos foram, em vida, reis. Um exemplo é Xangô^x que teria sido rei de Oyó.

Sérgio Ferretti lembra que os voduns também seguem o mesmo princípio. Ao falar da família de Davince, em seu livro *Querebetã de Zomadonu* (1985) ele afirma ser uma família real constituída por nobres, reis e príncipes. Entre os africanos que viraram entidades tenho “Dadarro” que reinou entre 1600 –1620 e “Sepazim”, a filha do rei Houegbadjá que ficou no poder de 1645 a 1685 dentre outros.

Sendo assim suponho que uma vez separados do sistema político de origem, afastados no tempo e no espaço de seus próprios personagens reais, os negros fizeram rearranjos e instituíram símbolos europeus em suas práticas milenares.

Outra hipótese, que de certa forma ratifica a anterior, considera que o culto aos reis, principalmente àqueles participam direta ou indiretamente do processo colonial brasileiro, como uma forma de prestar reverência à ancestralidade, prática comum a todas as religiões de matriz africana. Todavia o ancestral divinizado aqui não é propriamente o familiar, mas o representante da nação. Esses chefes de Estado são em sua maioria, portugueses membros de duas dinastias; Avis e Bragança. Da dinastia de Avis, recupera-se Rei Sebastião “O Encoberto^{xi}”, o mais antigo a ser adorado e Dom Manuel “O Venturoso”. A dinastia de Bragança cede todos os seus Joãos^{xii} (“O Restaurador”, “O Magnânimo” e “O Clemente”), Dom José “O Reformador” e Dom Pedro. Alguns momentos históricos são enfatizados no processo de escolha desses reis são eles; a descoberta e ocupação do Brasil, a elevação a Reino Unido de Portugal e Algarve e sua posterior independência.

Importante seria analisar pausadamente a trajetória mítica de todos esses personagens, no entanto isso não seria possível nos limites desse artigo. Trabalharei com apenas um rei, escolherei o mais famoso; Rei Sebastião^{xiii}. Meu interesse é saber como este rei cristão veio parar na encantaria.

Ψ Rei Sebastião, Ele é Pai de Terreiro.

Conforme afirma Michel Perrot em seu texto “Imaginário social do Século XIX” (Perrot apud Le Goff, 1986: 94 à 107), o imaginário dos povos tem como fonte principal a religião, a ciência e a história. É na história que os mineiros^{xiv} vão buscar inspiração para falar sobre os “senhores de toalha”.

Esses religiosos não só incluem e resignificam os santos católicos, que entram na cosmogonia, mas também exaltam a figura do colonizador. São diversas as histórias contadas sobre Rei Sebastião. Todavia elas possuem pontos em comum como a luta deste rei em defesa do cristianismo, o belicismo, a inexistência de herdeiros e o sumiço de seu corpo no pós morte. É sobre esses dados que o imaginário cria, posso inclusive considerá-los como mitemas (Lévi-Strauss, 1970) - seguindo a teoria levistraussiana de mito – já que se fazem presente em todas as variações narrativas.

No entanto é a partir da interpretação sobre a batalha de Alcacer Quibir - que as narrativas se desagregam e os elementos comuns fenecem. Não foi possível elaborar A HISTÓRIA GERAL DE REI SEBASTIÃO NA ENCANTARIA MINEIRA porque as versões se multiplicam e qualquer tentativa de unificação reduziria a riqueza da pluralidade à um amalgama incoerente. Escolhi uma versão do mito sebastiânico que me foi contado por um afroreligioso com nível superior incompleto em História, pai Tayandô.

Para ele este personagem é mesmo o português que desapareceu na batalha de Alcácer Quibir lutando contra os mouros. Não teria morrido mas passado por um processo de encanto^{xv}, foi atingido por um feitiço feito pelos sarracenos que o teriam vencido não no plano bélico, mas espiritual.

Esse feitiço o levava a uma zona tridimensional chamada de encantaria, onde não existiria tempo ou espaço. A entrada para a encantaria foi feita através de um portal móvel que se apresentou ao monarca na forma de tempestade de areia.

Rei Sebastião não teria passado por esse processo sozinho, muitos soldados o acompanharam. Conta-se que ele não veio diretamente para a Amazônia. Em suas andanças esteve primeiro na Bahia, Estado onde auxiliou na formação do arraial de Canudos. De Canudos descera para as “Sete cidades” no Piauí e de lá para os Lençóis maranhenses, onde finalmente se estabeleceu.

Dom Sebastião teria se identificado com o areal da praia dos Lençóis que em muito se assemelhava ao local onde teria se encantado, o deserto do Marrocos. Levantou a beira da

praia e construiu seu reino no fundo. Passando a anunciar em sua doutrina^{xvi} “*Quem desencantar Lençol pões abaixo o Maranhão*” trazendo a tona o reino submerso.

Como conquistador que era não se conformou em ficar restrito aos Lençóis, ampliou seu território ao estabelecer morada em outros lugares, como São João de Piraíbas - no Estado do Pará - e a praia de Fortalezinha, onde deixou um guardião e construiu um túnel ligando à sede da encantaria.

“A encantaria de rei Sebastião é como se fosse um Estado onde têm várias cidades e várias vilas. É um complexo, aquela idéia de feudo. O central seria do rei Sebastião onde estaria o castelo dele e ao redor as vilas, dadas à pessoas de sua inteira confiança. Essas pessoas serviam como Guardiões. (...) Seu Castelo é uma réplica do palácio de Queluz.” (Pai Tayandô, mineiro).

Muita gente habitaria esta vasta encantaria. Além dos soldados encantados com o monarca, algumas entidades que chegaram depois como Barão de Goré e seus filhos Aruaninha e Gorezinho, padres que morreram lutando pela difusão do cristianismo e pessoas normais que servem os nobres.

O sistema político estabelecido na encantaria muito se assemelha ao de Capitania Hereditária. O rei é o dono de tudo mas, distribui as zonas de encantaria a outros nobres.

A encantaria de Rei Sebastião não é a única do Brasil, embora sirva como uma espécie de hospedagem para todos aqueles que passam pelo portal tridimensional. Dentre esses nobres citarei o exemplo do rei da Turquia que fugiu de uma guerra em Jerusalém juntamente com suas filhas, cruzou o estreito de Gibraltar e se deparou com o portal tridimensional que o trouxe à Amazônia. Cá chegando, os três encontraram a pororoca e pararam sua canoa num lugar onde acontecia uma grande festa; era o boi de Parintins. Foram recebidos por Caboclo Velho pois ninguém chega a encantaria sem passar por ele. Foi esta entidade que informou sua nova condição.

Tendo sofrido forte impacto com a notícia de que não mais voltariam ao mundo dos vivos esses turcos se despiram de suas roupas e passaram por um processo de “ajuremamento”^{xvii}. As roupas do chão, por sua vez, foram vestidas pelos índios da região que se “aturcoaram”^{xviii}. Desolados foram procurar um homem com ares de nobre que Caboclo Velho disse ter passado por lá. Voltaram pelo Rio Amazonas chegando ao território do rei cristão. O turco se assustou, pois D. Sebastião se apresentou a ele armado com um enorme

escudo e a cruz de Cristo. Reagiu tentando dar continuidade à guerra e foi detido pelo português que ordenou: - Não, acabou a guerra, aqui é uma encantaria.

O rei da Turquia ficou hospedado por lá algum tempo mas não se acostumou, deu suas filhas em adoção ao Rei Sebastião e foi montar sua própria encantaria na ilha de Algodal. Outro hóspede de rei Sebastião é rei Camutá de Holanda, um corsário holandês cujo navio afundou na costa do Maranhão.

O fiel reconhece que o monarca tivera uma criação rígida na moral e religião, todavia afirmam que este encantado tem filhos adotivos como Sebastiãozinho e Jarina. Um ponto de divergência entre mito e história, diz respeito a idade do rei. Apesar de ter morrido jovem ele se manifesta como velho. A explicação nativa é que teria mudado a sua imagem para parecer um patriarca e impor respeito.

A dança ritual realizada para esta entidade é uma metáfora da batalha. Os religiosos marcham com o dedo erguido como se fosse uma espada empunhada, reforçando a imagem de guerreiro.

No sincretismo corresponde à Xapanã, vodum ligado à terra e à varíola (Verger, 2000). No cristianismo convencionou-se associá-lo a São Sebastião. Essa analogia já se faz presente em sua história de vida, precedendo inclusive o seu nascimento - pois seu nome foi dado em homenagem ao santo homônimo – e prossegue após a sua morte quando as estátuas de São Sebastião teriam chorado nas Igrejas portuguesas (Valensi, 1992).

Esta correlação segue o modelo de sincretismo definido por Ferretti como convergência (1995). O elemento que une as três entidades são as marcas corporais. Para entender preciso lembrar que rei Sebastião, que foi ferido, está ligado ao Deus da varíola e por sua vez ao santo homônimo que morreu flechado.

Algumas construções rituais de pai Tayandô divergem de outros religiosos que cultuam Rei Sebastião. Como oferendas^{xix}, ele diz servir, fatia parida, salada de bacalhau e frutas de origem européias como maçã, uva, e azeitona, o que simbolicamente fala sobre a origem do rei. O tabu de seus filhos é basicamente a carne vermelha numa analogia a sangrenta batalha em que o nobre desapareceu. Seu bicho de sacrifício é o galo - um animal austero. O modelo de personalidade de seus filhos seria construído em cima de informações sobre a história de vida do rei. A autoridade, o rigor com a religiosidade, o amor pelo cristianismo e o desapego a sexualidade.

As festas em homenagem a esse senhor de toalha acontecem no dia 20 de janeiro^{xx}; quando alguns terreiros realizam rituais públicas, por vezes com mastro e uma cabana construída com folhas de palmeira que abriga uma imagem de São Sebastião. Na casa de pai Tayandô, no entanto, acontece um cerimônia privada, denominado de “mesa de Dom Sebastião” , uma espécie de comunhão que envolve os membros do terreiro e clientes mais próximos.

As doutrinas cantadas para esta entidade exaltam características da história de vida do rei como:

1. O aspecto expansionista

Rei Sebastião, Rei Sebastião
No balanço do mar, No balanço do mar
Ele é pai de terreiro, Ele é pai de terreiro
Nessa guma real, nessa guma real

2. As intensões bélicas

Rei Sebastião, Guerreiro Militar
Rei Sebastião, Guerreiro Militar
Rei Xapanã, Ele é pai de terreiro
Ele é Guerreiro nessa Guma Imperial

3. A personalidade de liderança

Ele é o comandante, ele é o general
Ele é o chefe de linha
Na sua barquinha imperial

3. Cristianismo

O rei tá na varanda, o rei tá na varanda
O rei tá na varanda, o rei tá na varanda
Ó Deus nos salve casa santa
O rei tá na varanda

Diante dessa narrativa tão rica e heterogênea, convém refletir sobre o conceito de sincretismo. Como pensar sincretismo partindo da trajetória de rei Sebastião?

Iniciarei falando das formas de análise que não posso considerar. Não posso pensar sincretismo como uma incapacidade do negro de assimilar uma religião superior, como queria

Nina Rodrigues (1977). Essa é uma idéia evolucionista que desde o início do século XX foi superada. Também não direi que trata-se da ilusão da catequese (Ramos, 1951) pois o catolicismo, se não superou a forma religiosa anterior, introduziu-se pelos meandros dela. Não acho que possa ser reduzido a uma resistência cultural, forma de garantir a sobrevivência (Bastide, 1971). Utilizando essa idéia como explicar que cultos negros estejam adorando o colonizador ?

Sincretismo também não é um amálgama reduzido à equação $A+B=AB$. Seria reducionista conceituá-lo apenas pela teoria da máscara. Acabo de mencionar um fenômeno que está no plano da mentalidade, do tempo, do mito.

Diante dessa narrativa tão rica e heterogênea utilizarei o conceito de sincretismo a partir de Massimo Canevacci (1995), um intelectual italiano que pensa sincretismo como sinônimo de hibridismo. Hibridismo esse que “dissolve, remodela, estabelece relação entre o alheio e o familiar” (Canevacci, 1995:15); que transcende muitas vezes o religioso para o universo cultural.

São inúmeros os tipos de sincretismo presente nesse relato. Por vezes há associação, por vezes o uso de metáforas, por vezes total divergência como no caso mencionado a respeito das narrativas sobre o celibato. As imagens, signos, significados estão num movimento contínuo que lembra a idéia de espiral proposta por Canevacci (1995). Não há como distinguir o processo do resultado. Parece-me que o processo é contínuo que gera, manipula e redefine.

Existe uma antropofagia que degusta o fato histórico – rei português morto numa batalha sangrenta contra os mouros – o aspecto geográfico, – este rei morreu numa área deserta do norte da África – a imagem, – lugar onde ele se encanta- o fenômeno natural – a pororoca – o fato folclórico – boi de Parintins – e o imaginário medieval – versão do mito repetida no cancionário popular português. Essa antropofagia é seletiva, escolhe, não ingere tudo mas seleciona. Escolhe valores, signos, significados, faz um mix que resulta no mito descrito.

Por vezes as coisas parecem fora do lugar. Não existe pororoca em Parintins, mas são esses as peças simbólicas que meu informante dispõe. Não posso definir sincretismo simplesmente como “teoria da máscara” porque até a associação entre Rei Sebastião, Xapanã e São Sebastião é fruto de um processo de convergência (Ferretti, 1995) que está para além da simples analogia. Como diz Vergolino e Silva (1987) o povo recria em cima de elementos

comuns, de significados comuns. Rei Sebastião não deixou de ser guerreiro e cristão, é assim que ele é cantado e dançado. Ninguém esqueceu que ele participou de batalha, seus filhos atualizam essa memória cada vez que se submetem aos tabus alimentares. O ethos do grupo estudado que celebra essa visão de mundo (Geertz, 1989) através do ritual.

Ψ Considerações Finais.

Os dados citados acima apontam para diversos caminhos de análise. Tive que fazer escolhas, todavia poderia destacar outros aspectos da narrativa como por exemplo a relação de parentesco estabelecida entre esses reis e outras entidades nobres ou não nobres. Isso certamente me traria dados preciosos acerca da divinização das relações sociais e da constituição do povo brasileiro.

Informações mais detalhadas da história de Portugal, suas dinastias, sua constituição política e econômica provavelmente sugeriria o significado de referências feitas em trechos de músicas e que a primeira vista parecem desconexas. Como exemplo citarei uma doutrina de Dom Manuel “o Venturoso” que afirma: “*Dom Manuel pisa no ouro, pisa no ouro, pisa no ouro pra Dom Manuel*”.

O que me diz esse enigma? A que peculiaridade histórica ele se refere?

Já que me referi a Dom Manuel, também está ausente deste artigo a análise do mito dos outros reis. Gostaria de, muito brevemente, destacar três dessas entidades; rei da Turquia, Marquês de Pombal e D. Pedro.

O personagem Rei da Turquia, apesar de ainda não ter sido, devidamente vislumbrado, faz referência à característica miscível^{xxi} do povo português e conseqüentemente do brasileiro que assimilou elementos de muitas outras culturas, embora de maneira desigual. Esse é o caso dos mouros que durante muitos anos ocuparam a Península Ibérica. A presença desse elemento no panteão do “Tambor de Mina” me faz refletir no porque ele se divinizou e o espanhol não, se ambos representaram crise para a soberania nacional portuguesa. Que critérios se utilizou para agregar determinadas personalidades e excluir outras?

Marquês de Pombal, por sua vez, é de extrema importância nesse sistema religioso, estabelecendo inclusive, de acordo com os praticantes da Mina, vínculo com outros personagens da história do Pará como Antônio Lemos, todavia ele - pelo menos no Pará -

pouco é festejado. Não se faz mais ritual específico em adoração a essa entidade que apenas é sugerida, através de cânticos, no meio das festas públicas. Quais os limites de sua importância? Porque está ligado aos grandes nomes da política local? Porque deixou de ser festejado?

Dom Pedro, por sua vez, príncipe herdeiro que se tornou o primeiro rei do Brasil independente, aparece no panteão como entidade nova, o sapeca Pedrinho. Será isso uma referência a desvalorização da autonomia brasileira? Mais uma das formas de contestar o processo de independência como aconteceu no plano político?

Por enquanto esses questionamentos são apenas uma forma de suscitar discussão, reflexão futura e mostrar ao leitor a riqueza desse campo de análise.

Bibliografia

BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1971.

CACCIATORE, Olga. *Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: Uma exploração das Híbridagens Culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1936.

DA MATTA, Roberto. *“Relativizando”*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

DIAS, Gonçalves. *I – Juca Pirama e os Timbiras*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo e São Luís: EDUSP e FAPEMA, 1995.

_____. *Querebetan de Zomadonu*. São Luís: UFMA, 1985.

FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na Guma: O Caboclo no Tambor de Mina*. São Luís: EDUFMA, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Kloogan S/A, 1989.

LÉVI-SATRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

MEYER, Marlyse. *Maria Padilha e toda a sua Quadrilha: de amante de um rei de Castela a Pomba Gira da Umbanda*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

- PEREIRA DE QUEIRÓS, Maria Isaura. “ D. Sebastião no Brasil: O Imaginário em Movimentos Messiânicos Nacionais”. In: *Dossiê Canudos*. São Paulo: USP, Dez, Jan e Fev 94.
- PERROT, Michelhe. “O Imaginário Social do Século XIX”. In: *História e Imaginário*. (Org. J. Le Goff). São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- RAMOS, Arthur. *O Negro Brasileiro*. São Paulo: Nacional, 1951.
- RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1977.
- VALENSI, Lucette. *As Fábulas da Memória: A Batalha de Alcacer Quibir e o Mito do Sebastianismo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.
- VERGOLINO E SILVA, Anaíza. “A Semana Santa nos Terreiros: um Estudo do Sincretismo Religioso em Belém do Pará”. In: *Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, Nº 14, 1987.

ⁱ Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará.

ⁱⁱ Chama-se de Candomblé ao culto de Nação Iorubá cujas características principais são a adoração aos Orixás e o processo iniciático de 21 dias.

ⁱⁱⁱ Ver dedinição no corpo do texto.

^{iv} Religião fundada no Brasil a partir de crenças e ritos oriundos do catolicismo, do espiritismo Kardecista e dos cultos de matiz africana.

^v Denominação dada à religião iorubá em Recife.

^{vi} Religião afro-indígena, comum no nordeste brasileiro que cultua os mestres e faz uso de uma bebida litúrgica de mesmo nome.

^{vii} Nome dado às entidades Jejes que na hierarquia da Mina correspondem aos orixás nagôs.

^{viii} Entidades que encontram-se em posição hierárquica inferior aos orixás, voduns e nobres senhores de toalha. Representam a parcela mestiça do panteão da mina paraense.

^{ix} Orixás são entidades iorubanas que representam as forças da natureza.

^x Orixá Iorubano, senhor dos raios e do trovão, sincretizado com o santo católico, são Jerônimo.

^{xi} Já li referência de D. Sebastião como “O Desejado”.

^{xii} Acreditamos que o mito de Dom João seja construído a partir de características de cada um dos personagens históricos cujos nomes são citados no texto.

^{xiii} As narrativas míticas sobre rei Sebastião são mais minuciosas e cheias de detalhes do que as de qualquer outro nobre.

^{xiv} Praticantes da religião Mina.

^{xv} Deixou o mundo dos vivos para se tornar entidade, sem passar pela experiência da morte.

^{xvi} Música ritual cantada em homenagem às entidades.

^{xvii} Ou seja se transformaram em índios.

^{xviii} Transformaram-se em turcos.

^{xix} Oferendas são presentes oferecidos às entidades. Cacciatore (1977), as descreve como uma restituição de axé.

^{xx} Dia vinte e um de janeiro acontece também a festa em homenagem à São Sebastião.

^{xxi} Ver Freyre, 1995: 188-262.